

O bibliotecário brasileiro na década dos 70 *

ETELVINA LIMA **

A profissão do bibliotecário, face às rápidas mudanças sociais, exige novas formas de abordagem para a solução de problemas cada vez mais complexos.

Queridas amigas:

O convite que me fizeram, no domingo, para parabenizar a cerimônia de sua formatura, deixou bem claro o desejo de vocês: não queiram um discurso formal, em moldes clássicos, uma vez que, em tão curto prazo, seria impossível prepará-lo.

Entretanto, vocês conhecem de sobra a professora que tiveram: não deixaria, nunca, fugir a oportunidade, talvez a última, de falar alguma coisa, dirigir-lhes algumas recomendações, como Super-Mãe que vê o filho partir para uma vida nova, fora do alcance de seus cuidados exagerados.

* Discurso de Parabenização, proferido na solenidade de formatura das alunas da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, em julho de 1972.

** Prof. da Escola de Biblioteconomia da UFMG., Diretora Executiva da Coordenação das Bibliotecas Universitárias da UFMG.

É que me preocupa muito a atual conceituação da profissão de Bibliotecário — profissão na qual vocês hoje oficialmente ingressam. Durante o período letivo, a rigidez de currículos e de horários não permitiu discussões paralelas, sobre assuntos que não faziam parte dos programas, mas que ocupavam a mente da professora.

— O que é, o que faz o bibliotecário da década dos 70?

Atravessamos, por certo, uma época de transformações drásticas na sociedade em que vivemos. Época, portanto, de reajustamento de conceitos e de instituições ligados à cultura e ao ensino, como as Bibliotecas.

A profissão do bibliotecário é talvez uma das mais atingidas pelas rápidas mudanças sociais que se sucedem, exigindo novas técnicas de abordagem para a solução de problemas cada vez mais complexos.

Para passar de conservador de livros, como foi considerado, a técnico da organização de bibliotecas e, principalmente, a incentivador do uso de livros como instrumento de informação, o Bibliotecário levou mais de 20 séculos — da Antiguidade ao Século 20.

Entretanto, nos últimos 20 anos, viu-se de repente transformado em documentarista e mais recentemente em técnico da informação, uma vez que o crescimento tecnológico e, portanto, sócio-econômico das nações está estreitamente vinculado à infra-estrutura da informação.

Na ânsia de superar deficiências e diminuir diferenças marcantes entre povos chamados desenvolvidos e subdesenvolvidos, economistas, sociólogos e demais especialistas apontam causas diversas como características do subdesenvolvimento, divergindo, às vezes,

quanto ao grau de importância que essas causas assumem na luta pelo desenvolvimento. Não há, entretanto, divergências quanto à necessidade da informação no processo de desenvolvimento de um país. A informação registrada em livros, periódicos e mais modernamente armazenada em computadores, é que permite o avanço da ciência e da tecnologia, pois não existe, há muito tempo, a invenção isolada. As novas descobertas formam verdadeira corrente, cujos elos se prendem aos conhecimentos do passado e que, por sua vez, constituirão os elos das invenções futuras. A falta de acesso à informação — envolvendo processos de seleção, armazenamento e recuperação rápida — é acertadamente apontada como causa e efeito do subdesenvolvimento. Novas técnicas são criadas para facilitar o estabelecimento de redes de informação, tão vitais para o desenvolvimento quanto, por exemplo, as redes de transportes.

E o bibliotecário vê, muitas vezes perplexo, aumentarem suas responsabilidades. Sua posição passiva, de valor meramente cultural, passou subitamente a fundamental, integrando ele um conjunto de especialistas que unem esforços para criar o que SHARR, em seu discurso de Presidente da Associação Australiana de Bibliotecários, denominou de “interação entre idéias e pessoas, resultando na geração de novas idéias”.

O Brasil pretende agora ingressar na faixa do desenvolvimento. Para isto e pela primeira vez se faz entre nós um planejamento global, atingindo a todas as áreas de atividades que possam levar o país a acelerar seu crescimento econômico, visando ao bem estar da comunidade. As Bibliotecas — incluindo como tais os serviços de documentação e de informação — são peças mestras para que esse desenvolvimento se concretize e o Governo, assim compreendendo, incluiu entre

as “Metas e Bases para a ação de governo”, a criação de um Sistema Nacional de Informações sobre Ciência e Tecnologia, atualmente em fase de implantação, e que passará a integrar o sistema internacional proposto pela UNESCO — o UNISIST. O cientista e o técnico brasileiros passarão a ter em mãos todo um complexo de informações que, no momento, lhe é inacessível.

Qual é a posição do bibliotecário brasileiro face às transformações que o desafiam?

O maior desafio que encontrará no exercício de sua profissão será por certo o de que necessitará exercer, paralelamente, tarefas correspondentes a todas as fases da evolução do conceito profissional do bibliotecário.

— Será, por muito tempo ainda, o bibliotecário conservador, pois deverá zelar por acervos pobres e reunidos a duras penas, pelas dificuldades econômicas.

— Será o incentivador do uso de livros como fonte de informação, uma vez que não existe entre nós o hábito generalizado da leitura.

— Será o organizador de bibliotecas, dedicando-se a serviços tradicionais de catalogação e classificação, uma vez que os acervos de nossas bibliotecas não se encontram ainda organizados. Vale lembrar o problema de nossa Biblioteca Nacional, felizmente agora equacionado e que acredito seja solucionado dentro de poucos anos. Devo citar também como exemplo nossas próprias Bibliotecas Universitárias, cujas coleções, numa proporção de cerca de 40%, não receberam ainda tratamento adequado.

— Será o documentarista, que usará técnicas especiais para organizar a bibliografia especializada do país e colocá-la a serviço dos usuários.

— Será também o técnico da informação que empregará processos sofisticados para selecionar, no con-

junto de um artigo ou relatório, a informação essencial que, se fornecida com rapidez e segurança, permitirá ao pesquisador levar adiante seu trabalho, economizando tempo e, portanto, dinheiro e evitando repetições de experiências já completadas por outros, em algum lugar do mundo.

Para atender a todas essas diferentes tarefas e, por conseguinte, às necessidades de diferentes tipos de usuários, o bibliotecário empregará técnicas também diversas, consistindo um dos maiores desafios de sua profissão a escolha de processos adequados aos fins desejados. O emprego de máquinas que substituem o trabalho humano é perigosamente fascinante. É preciso grande dose de bom senso para que o bibliotecário não se deixe levar a utilizar um "Boieng 747 para transportar um bombom de um lado a outro da cidade", como disse ELLSWORTH MASON em seu controvertido artigo publicado em "College & Research Libraries" de Maio de 1971.

Há, por outro lado, o enorme perigo de o bibliotecário apegar-se às técnicas tradicionais de organização de bibliotecas, deixando campo propício ao aparecimento de outro tipo de profissional: o técnico ou oficial da informação, que utilizará processos automáticos para realizar as tarefas comuns do bibliotecário.

Se falta ao bibliotecário o conhecimento técnico especializado para a programação e implantação de complexos de informação automatizada, somente ele conhece, por outro lado, a estrutura de sistemas e subsistemas de organismos de informação e deverá ter, portanto, participação obrigatória em quaisquer projetos que pretendam realmente atender às necessidades dos usuários.

Isto nos leva a outro grave aspecto do problema: a formação profissional do bibliotecário.

— Será ela satisfatória, habilitando o futuro profissional ao pleno exercício de sua profissão?

Certamente, não. Como, aliás, a formação de qualquer tipo de profissional, nesta época de transformações que atravessamos.

— Que fazer, então?

Não se contentar com a mediocridade de um emprego rotineiro, que pouco exige de seu ocupante, mas que também pouco lhe oferece, quer em satisfação intelectual, quer em remuneração condigna.

O bibliotecário, como polo dinamizador entre idéias, gráfica ou eletronicamente armazenadas, deve estudar sempre.

Continuar a estudar em cursos formais de especialização ou de pós-graduação que, por certo, hão de surgir no Brasil. Mas não se limitar aos conhecimentos profissionais; empenhar-se seriamente em adquirir cultura, geral e especializada, estudar matérias básicas ou complementares às profissionais.

E conservar a mente sempre aberta aos avanços tecnológicos da profissão. Não com o intuito de copiá-los, porque são novidade, mas para saber utilizá-los como meios que realmente são para simplificar tarefas em benefício dos leitores.

Para terminar, desejo agradecer-lhes, comovida, haverem me escolhido para receber as homenagens que desejam prestar aos professores da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais. Como decana da Congregação, creio poder representar meus colegas e, em nome deles, desejar-lhes muita felicidade e êxito profissional.

E, como último conselho de Super-Mãe, gostaria de repetir-lhes palavras de Fernando Pessoa, que sintetizam verdadeiro programa de vida:

PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

**The quick social changes compel Librarianship
to follow new trends on the solution of problems.**